

Diário de Lisboa

Numero avulso: 40 CENTAVOS

Editor—JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES -- 2 0271, 2 0272 • 2 0273

Lê-se no «Seculo» de hoje:

Porque não hão-de as demais Casas dos Pescadores e as Casas do Povo fazer como fez a da Costa da Caparica, chamando a si as filarmónicas, onde as houver, e organizando-as onde quer que a sua existência se revestisse da indispensável utilidade? Esses organismos, conjugando os seus esforços com os das Camaras Municipais, onde quer que essa colaboração fosse possível, viriam resolver dumã maneira cabal e definitiva a situação das bandas musicais cuja acção educativa, disciplinadora e moralizadora é tão profunda e tão proficua que se torna escusado encarecê-la.

Já o «Diário de Lisboa» por varias vezes alludiu a este assunto. O nosso prezado colega pondo em foco, em seu editorial, e sob o titulo «O Povo e a Musica», um ponto de vista de cultura e de educação tão interessante, defende uma causa, que tem andado alheia da realidade, mas que é das mais belas e proveitosas á grei.

As filarmónicas—têm desaparecido de Lisboa, sacrificadas a outras novidades, legítimas mas não exclusivistas; pelo país fora resistem aqui e ali.

Não deixem apagar essas pequeninas fogueiras de arte e de inspiração, que as sociedades de recreio deviam acarinhá-las melhor.

Além do seu poder evocativo de encantadora exteriorização, elas fazem parte da vida popular e saudavel das cidades e vilas.

A Praça do Imperio e a zona marginal de Belem vão ser embelezadas. Obra ão é de improvisar, e uma comissão idonea vai pôr um plano de pé.

Como se trata de um projecto do Ministerio das Obras Publicas—pode considerar-se como segura a sua execução. Aproveitar quanto de belo está feito, enquadrar e adaptar—eis um objectivo digno de aplausos.

O Ministerio da Economia ordenou, por portaria, que seja proibida a caça á perdiz em toda a area de Espinho e de Estarreja durante todo o periodo venatorio que decorre.

Isto equivale a dizer-se que as areas de Espinho e de Estarreja para as simpaticas perdizes, passam a ser um couto inviolavel.

Se as perdizes soubessem isto, por interposta aveileira do «Diário do Governo», em bons tratos de «grades» se encontrariam os caçadores, pois todas fugiriam para aquelas regiões.

Todo o país é campo venatorio. Só Espinho e Estarreja escapam ao mapa. Esta excepção foi justificada pelas Comissões Venatorias Regionais do Norte e do Centro, e o Governo aceitou-as.

As perdizes das outras regiões podem talvez classificar esta determinação de odiosa, por favoritismo. Os caçadores de Estarreja e de Espinho não pensam da mesma maneira.

O publico de Lisboa—e o publico mais escolhido e consciente—prestou ontem homenagem a uma senhora do teatro português, distinta sem hiperbole, grada na sua arte e no seu porte: Palmira Bastos. São acontecimentos que transcendem da trivialidade, como este, que dignificam uma carreira e exaltam uma vida de trabalho.

Palmira Bastos pertence ao passado de ontem—evocativo e glorioso—e ao presente que se não resigna á comparsaria. Eterna mocidade, e talento em flor, a actriz illustre, que nunca termina a sua hora de inspiração, deu um pretexto ao publico de Lisboa—tantas vezes injustamente acusado de injusto—de provar o seu bom senso e a rectidão do seu juizo.

Palmira Bastos, coroada de rosas, é a personificação da lealdade de uma devoção a um credo de arte. Felicitemo-la eternamente.

O desembarque em Spitzberg

teve por fim evitar
que os alemães utilizem
o carvão ali existente

LONDRES, 9.—Comunicado do ministerio da Guerra: «Com varios objectivos, fôra recentemente resolvido enviar ao Mar Artico uma expedição militar. No decorrer das suas operações que não encontraram resistencia da parte do inimigo, um destacamento mixto canadiano, inglês e norueguês, sob comando canadiano, desembarcou no Spitzberg. O principal proposito do desembarque foi o de evitar que o inimigo utilizasse, em seu proveito, as ricas minas de carvão ali existentes. Anteriormente, uma parte do carvão de Spitzberg ficava á disposição da população do norte da Noruega, mas soube-se que o plano inimigo era apoderar-se de toda a produção de carvão, incluindo a de Spitzberg, que seria, principalmente, utilizada para transportes de guerra para o norte. Este recurso de combustível foi agora tornado impossível para os alemães. Um dos resultados imediatos do desembarque em Spitzberg é que um consideravel numero de mineiros noruegueses com as suas familias chegaram já á Grã-Bretanha para partilharem o esforço de guerra dos aliados. Muitos desses homens juntam-se ás tropas norueguesas ou prestam serviços na marinha mercante norueguesa». — (Exchange Telegraph).

Como se operou o desembarque

LONDRES, 9.—A agencia Reuter informa que o unico jornalista que acompanhou a expedição a Spitzberg dá o seguinte relato da operação: «Eu deixei um campo de tropas inglesas recentemente. Disseram-me que iam para exercicios e manobras «algures na Inglaterra». Apenas alguns officiais superiores conheciam qualquer coisa mais. Primeiramente fomos para a area costeira de treino onde as unidades eram instruidas na tactica de invasão e desembarque, como preludio da expedição. Então foram seleccionadas forças especiais para as operações, mas continuavamos a ignorar qual era o objectivo. A flotilha navegou e não se encontrava ainda, além do circulo artico quando o comandante contou toda a historia».

O correspondente acrescentou que navios de guerra escoltavam os transportes de tropas. Logo que chegaram a Spitzberg, o comandante deu as instruções aos officiais. Ignorava-se se havia alemães na ilha e assim os aviões foram preparados para qualquer eventualidade. Como a temperatura se tornasse extremamente baixa, foram distribuidas aos homens agasalhos que lhes davam uma apparencia de exploradores articos. A expedição alcançou Spitzberg cerca das 6 horas da manhã, depois dos contratorpedeiros e aviões terem efectuado um reconhecimento do qual se concluiu que o desembarque se faria sem opposição. O sol apparecia por entre as nuvens quando os transportes lançaram ferro. Foram então passados para um contratorpedeiro um tenente e alguns solda-

(Ver continuação na 7.ª pagina)

O ataque a Berlim

taz parte
do preludio
da offensiva do Outono
que a R. A. F. vai lançar

LONDRES, 9.—Segundo informa Noel Monks, correspondente aeronautico do «Daily Mail», geralmente bem informado, no ataque realizado contra Berlim na noite de segunda-feira, foram utilizados mais de 300 bombardeiros pesados da R. A. F. que lançaram bastante mais que 200 toneladas de altos explosivos, que causaram estragos colossais. Incluindo as operações contra Kiel, Boulogne, Holanda e Brest, é muito provavel terem sido nessa noite utilizados mais de 440 bombardeiros. Portanto, a perda sofrida, de 20 bombardeiros, não é exagerada.

Durante o ultimo grande ataque alemão contra Londres, no dia 10 de maio, tambem numa noite de luar, está positivamente averiguado que foram abatidos 33 aviões alemães—possivelmente ainda mais—dum total de cerca de 260 que os alemães utilizaram nessa noite. Monks diz constar-lhe que as operações de segunda-feira são apenas o preludio da offensiva de outono da R. A. F. contra a Alemanha, pois estão feitos os planos para «raids» ainda mais violentos contra as principais cidades alemãs, á medida que as noites vão sendo longas.—(E. T.).

A importancia dos ataques da R. A. F.

LONDRES, 9.—A agencia Reuter informa que o «Manchester Guardian» diz no seu editorial: «O facto dos alemães terem sido compelidos a modificar a sua politica de silencio, permitindo aos jornais publicar longos relatos desses ataques, confirma a severidade dos ataques da R. A. F., no domingo, a Berlim. Os intensivos ataques británicos, a partir do inicio da campanha da Russia, criaram dificuldades á propagação de Goebbels. Concordar com a seriedade desses ataques aereos seria para os alemães reconhecer que tinham de combater em duas frentes. Assim, os efeitos dos «raids» británicos eram sistematicamente apoucados. Dizia-se que os ataques representavam uma tentativa desesperada para animar a Russia e satisfazer a opinião publica britânica. Mas, o que os alemães não se atreveram a dizer, e ainda não disseram, é que os bombardeamentos nocturnos da Grã-Bretanha desceram a um nivel muito baixo e que, só ocasionalmente se faz um ataque médio».

O «News Chronicle» diz: «O ultimo ataque a Berlim é dumã significação flagrante. Para o povo britânico representa, dumã maneira evidente, que se pode sentir livre da preocupação quanto á superioridade da força aerea alemã. Para a Alemanha é muito pior a tragica lição».—(E. T.).

A offensiva da R. A. F.

LONDRES, 9.—Os bombardeiros da R. A. F. atacaram ontem á noite objectivos industriais e militares na Alemanha occidental.—(E. T.).

O principal objectivo britânico

BERLIM, 9.—Durante a noite passa-

(Ver continuação na 8.ª pagina)

Carta a Pedro Bordallo Pinheiro

Nesta hora de esplendente e, desde logo, eficiente confraternização luso-brasileira, como eu o tenho lembrado, meu querido amigo, e ao desinteressado esforço que despendeu a favor de tão nobre e grande causa! Recordo o entusiasmo, o communicativo fervor da sua mocidade, quando, em 1915, me allvitrou a fundação dumã revista literaria e artistica, para melhor servir o perfeito e estreito entendimento intelectual entre Portugal e o Brasil. A sua iniciativa, não só por mim, mas por numerosos e illustres escritores dum e doutro país, foi acolhida amoravelmente. E em breve a «Atlantida» surgia, dirigida, embora de longe, pelo inolvidavel João do Rio, e colaborada pelas personalidades mais representativas de quem e além-oceano, e trazendo na capa o significativo emblema que Raul Lino desenhara, e que era, de facto, o simbolo exactissimo do sonho, da aspiração patriótica a realizar:—uma gaivoia de asas firmes e enleantes, sobre a onda sem fim do mar aberto á comunhão das duas nações atlânticas.

Houve quem sorrisse da quasi ingenua fé que assim o impeliu, meu querido Pedro Bordallo, á temeraria realização. O publico, porém, correspondeu ao generoso apelo—e de novo se demonstrou, de maneira decisiva, que nunca falta publico, e publico de escol, ás obras dignas de conquistar simpatias e aplausos. Sucedeu apenas—e não é vergonha confessá-lo—que a oportuna publicação se apresentava sumptuosa demais:—só um Mecenas autentico a poderia sustentar. Esse pormenor, aliás importante, não o assustava, todavia. E talvez mais ninguém saiba, senão eu, os sacrificios em dinheiro, em trabalho e em persistência que a «Atlantida» lhe exigia. A recompensa não se traduziu em lucros, claro está. Verdade seja que o Pedro Bordallo não os esperava... Mas a sua paixão, a sua devoção pelo Brasil—no proprio Brasil adquiridas, repare-se, através dalguns anos de não muito vantajosa estadia—e o seu puro civismo lusitano, encontravam a cada passo motivos de exaltação e de alegria, nas inequivocas manifestações de apoio e de afecto que a existência da «Atlantida» provocava.

Hoje, o seu coração rejubila, de certo, ao verificar a marcha triunfal da ideia que longo tempo acarinhou. Eis porque me lembro tanto, agora, do que tentou e conseguiu, do que prometeu e cumpriu, no afã de concretizá-la e de impô-la. A «Atlantida» esqueceu. Mas cedo ou tarde, o seu nome será evocado junto dos nomes daqueles que batalham pelo mesmo alto proposito de dar ao Brasil compreensão mais nitida de Portugal, de dar a Portugal ciencia e consciencia mais segura e ampla do Brasil. Tal foi o escôpo, o voluntario objectivo da sua actualização magnifica e util.

Por mim, que a idade já ensina a fixar e guardar, de amigos e inimigos, as feições caracteristicas e os traços essenciaes—quero sempre olhá-lo na figura audaz e gentil de pioneiro desse mundo de maravilhosas e floridas sendas, que é o prodigo e feliz universo de pensamento, de cultura, de espirito criador e de forte e ardente civismo, dealbando e irradiando da alma e da terra brasileiras.

JOÃO DE BARROS